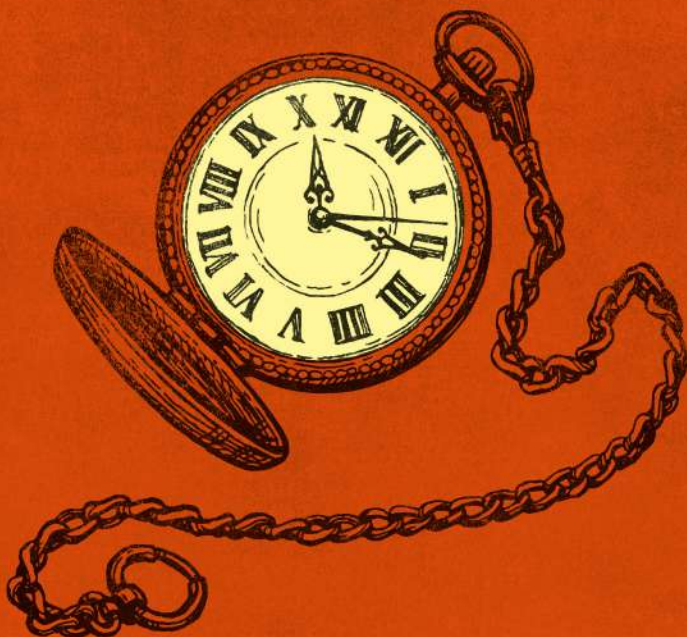


ALFRED DE MUSSET



A Confissão de um
Filho do Século



cavalo de ferro

PRIMEIRA PARTE

CAPÍTULO I

Para se escrever a história da sua própria vida, primeiro é preciso ter vivido; por isso, não é a minha que escrevo.

Mas tal como um ferido atingido pela gangrena vai a um anfiteatro para que lhe cortem o membro apodrecido, e o professor que o amputa, cobrindo com um lençol branco o membro separado do corpo, o faz circular de mão em mão por todo o anfiteatro, para que os alunos o examinem; do mesmo modo, quando um certo tempo da existência de um homem e, por assim dizer, um dos membros da sua vida foi ferido e gangrenou por causa de uma doença moral, ele próprio pode cortar essa porção, suprimi-la do resto da sua vida, e fazê-la circular na praça pública, a fim de que as pessoas da mesma idade apalpem e julguem a doença.

Assim, tendo sido atingido, na primeira flor da juventude, por uma doença moral abominável, narro o que me aconteceu durante três anos. Se eu fosse o único doente, não diria nada; mas como há muitos outros além de mim que sofrem do mesmo mal, escrevo para esses, sem saber se vão prestar atenção; tomar atenção, pelo menos terei retirado este fruto das minhas palavras para melhor me curar a mim próprio, e, como a raposa apanhada na armadilha, terei roído o meu pé preso.

CAPÍTULO II

Durante as guerras do império, enquanto os maridos e os irmãos estavam na Alemanha, as mães inquietas tinham dado à luz uma geração ardente, pálida, nervosa. Concebidas entre duas batalhas, educadas nos colégios com os rufos dos tambores, milhares de crianças entreolhavam-se com um olhar sombrio, exercitando os músculos enfezados. De tempos a tempos, apareciam os seus pais ensanguentados, soerguendo-os sobre os seus peitos enfeitados de ouro, depois pousavam-nas em terra e tornavam a montar a cavalo.

Apenas um homem estava então vivo na Europa; o resto dos seres esforçava-se por encher os pulmões com o ar que ele tinha respirado. Todos os anos, a França apresentava a esse homem trezentos mil jovens; e ele, agarrando com um sorriso nessa fibra recente arrancada ao coração da humanidade, torcia-a nas suas mãos, fazendo com ela uma corda nova para o seu arco; depois, colocava nesse arco uma dessas flechas que atravessaram o mundo e que foram cair num pequeno vale de uma ilha deserta, debaixo de um salgueiro-chorão.

Nunca houve tantas noites sem sono como no tempo desse homem; nunca se viu debruçar-se sobre as muralhas das cidades uma tal multidão de mães desoladas; nunca houve um tal silêncio em redor dos que falavam de morte. E, contudo, nunca houve tanta alegria, tanta vida, tantas fanfarras guerreiras em todos os

corações; nunca houve sóis tão puros do que esses que secaram todo esse sangue. Dizia-se que Deus os fazia para esse homem, e chamavam-lhes os seus sóis de Austerlitz. Mas era ele próprio que os fazia com os seus canhões troantes, e que não deixavam nuvens senão nos dias a seguir às suas batalhas.

Era o ar desse céu sem mácula, onde brilhava tanta glória, onde resplandecia tanto aço, que as crianças então respiravam. Bem sabiam que estavam destinadas às hecatombes; mas julgavam Murat invulnerável, e tinham visto passar o imperador sobre uma ponte onde assobiavam tantas balas que não se sabia se ele podia morrer. E mesmo que tivesse morrido, que era isso? A própria morte era então tão bela, tão grande, tão magnífica na sua púrpura fumegante. Assemelhava-se de tal forma à esperança, ceifava espigas tão verdes que era como se se tivesse tornado jovem, e já não se acreditava na velhice. Todos os berços de França eram escudos; também o eram todos os caixões; na verdade, já não havia velhos; havia apenas cadáveres ou semideuses.

Entretanto, um dia, o imortal imperador estava numa colina a ver sete povos a degolarem-se; quando ainda não sabia se seria dono do mundo ou apenas de metade, Azrael passou pelo caminho; aflorou-lhe com a ponta da asa e empurrou-o para o oceano. Com o ruído da sua queda, as velhas crenças moribundas endireitaram-se nos seus leitos de sofrimento e, avançando as suas patas aduncas, todas as aranhas reais recortaram a Europa, e da púrpura de César fizeram para si um fato de Arlequim.

Do mesmo modo que um viajante, enquanto está no caminho, corre dia e noite à chuva e ao sol, sem se aperceber das suas vigílias e dos seus perigos; mas, assim que chega ao seio da sua família e se senta à frente da lareira, experimenta um cansaço sem limites e mal se consegue arrastar até à cama, do mesmo modo, a França, viúva de César, sentiu de repente a sua ferida. Caiu em desfalecimento e adormeceu num sono tão profundo que os seus velhos reis, julgando-a morta, a envolveram numa mortalha branca. O velho exército, de cabelos grisalhos, regressou esgotado de cansaço, e as lareiras dos castelos desertos reacenderam-se tristemente.

Então, esses homens do império, que tanto correram e degolaram, abraçaram as suas mulheres emagrecidas e falaram dos seus primeiros amores; observaram-se nas fontes das suas pradarias natais, e viram-se aí tão velhos, tão mutilados que se recordaram dos seus filhos para que lhes fechassem os olhos. Perguntaram onde eles estavam; as crianças, saindo dos colégios e já não vendo nem sabres, nem couraças, nem infantes, nem cavaleiros, perguntaram, por sua vez, onde estavam os seus pais. Mas responderam-lhes que a guerra tinha acabado, que César estava morto e que os retratos de Wellington e de Blücher estavam pendurados nas antecâmaras dos consulados e das embaixadas, com estas duas palavras por baixo: *Salvatoribus mundi*.

Então, sentou-se em cima de um mundo em ruínas uma juventude ansiosa. Todas essas crianças eram gotas de um sangue ardente que inundara a terra; tinham nascido no seio de uma guerra, para a guerra. Tinham sonhado durante quinze anos com as neves de Moscovo e com o sol das Pirâmides; tinham-nas mergulhado no desprezo pela vida como jovens espadas. Não tinham saído das suas cidades, mas tinham-lhes dito que através de cada barreira das suas cidades ia-se a uma capital da Europa. Tinham todo um mundo na cabeça; olhavam para a terra, para o céu, para as ruas e para os caminhos; tudo isso estava vazio, e só os sinos ressoavam ao longe.

Pálidos fantasmas, cobertos de vestidos negros, atravessavam lentamente os campos; outros batiam às portas das casas, e logo que as tivessem aberto, tiravam dos seus bolsos grandes pergaminhos completamente gastos, com os quais expulsavam os moradores. De todos os lados chegavam homens ainda trémulos do medo que se apoderara deles na sua partida, vinte anos antes. Todos reclamavam, disputavam e gritavam; era de admirar que um só morto pudesse chamar tantos corvos.

O rei da França estava no seu trono, vendo aqui e ali se não aparecia uma abelha nas suas tapeçarias. Uns estendiam-lhe o chapéu, e ele dava-lhes dinheiro; outros mostravam-lhe um crucifixo, e ele beijava-o; outros contentavam-se em gritar-lhe aos ouvidos ressoantes nomes ilustres, e a estes ele respondia que fossem ao seu salão,

que aí os ecos eram sonoros; outros ainda mostravam-lhe os seus velhos mantos, como lhes tinham conseguido apagar as abelhas, e a estes ele dava uma vestimenta nova.

Os jovens olhavam para tudo isto, pensando sempre que a sombra de César ia desembarcar em Cannes e soprar sobre estas larvas; mas o silêncio permanecia, e no céu apenas se via flutuar a palidez das flores-de-lis. Quando as crianças falavam de glória, diziam-lhes: «Façam-se padres»; quando falavam de ambição: «Façam-se padres»; de esperança, de amor, de força, de vida: «Façam-se padres».

No entanto, subiu à tribuna das arengas um homem que tinha na mão um contrato entre o rei e o povo; começou a dizer que a glória era uma coisa bela, e a ambição e a guerra também; mas que havia uma coisa ainda mais bela que se chamava liberdade.

Os jovens reergueram a cabeça e recordaram-se dos seus avós, que também haviam falado dela. Recordaram-se de ter encontrado, nos cantos obscuros da casa paternal, bustos misteriosos com longos cabelos de mármore e uma inscrição romana; recordaram-se de ter visto, à noite, ao serão, os seus antepassados a abanar a cabeça e a falar de um rio de sangue ainda mais terrível do que o do imperador. Havia para eles nessa palavra, liberdade, qualquer coisa que lhes fazia bater o coração ao mesmo tempo, como uma longínqua e terrível recordação, e como uma cara esperança ainda mais longínqua.

Estremeceram ao ouvi-lo; mas, regressando ao lar, viram três caixões que eram levados para Clamart¹: eram três jovens que tinham pronunciado demasiado alto essa palavra liberdade.²

Um estranho sorriso passou-lhes pelos lábios com esta triste visão; mas outros arengadores, subindo à tribuna, começaram a calcular publicamente o que custava a ambição e a dizer que a glória era bastante cara; fizeram ver o horror da guerra e chamaram carnificina às hecatombes. E falavam tanto e durante tanto tempo que

1 Cemitério onde eram enterrados os supliciados e cenário de eleição da literatura frenética. [N. T.]

2 Referência aos Quatro Sargentos de La Rochelle (e não três), acusados de conspirarem para derrubar a monarquia. No cadafalso, exclamaram: «Viva a liberdade!» [N. T.]

todas as ilusões humanas, como as árvores no Outono, caíam folha a folha em redor deles, e aqueles que os ouviam passavam a mão pela testa, como febris que despertam.

Uns diziam: «O que causou a queda do imperador foi o povo já não o querer»; outros: «O povo queria o rei; não, a liberdade; não, a razão; não, a religião; não, a Constituição Inglesa; não, o absolutismo»; um último acrescentou: «Não! Nada disso, mas o repouso.» E continuaram assim, ora a ralar, ora a ridicularizar, ora a discutir, durante vários anos, e, com o pretexto de construir, demolindo tudo pedra a pedra, de tal forma que já não passava nada de vivo na atmosfera das suas palavras, e os homens da véspera tornavam-se de repente velhos.

Assim, três elementos partilhavam a vida que então se oferecia aos jovens: atrás deles, um passado para sempre destruído, ainda a agitar-se sobre as suas ruínas, com todos os fósseis dos séculos do absolutismo; diante deles, a aurora de um imenso horizonte, as primeiras claridades do futuro; e entre estes dois mundos... qualquer coisa parecida com o oceano que separa o Velho Continente da jovem América, qualquer coisa de vaga e flutuante, um mar bravo e cheio de naufrágios, atravessado de tempos a tempos por alguma branca vela longínqua ou por algum navio soprando um pesado vapor; o século presente, numa palavra, que separa o passado do futuro, que não é nem um nem outro e que se parece com os dois ao mesmo tempo, e onde não se sabe, a cada passo que se dá, se se caminha sobre uma semente ou um detrito.

Eis então o caos no qual é preciso escolher; eis o que se apresenta aos jovens cheios de força e audácia, filhos do império e netos da revolução.

Ora, do passado já nada queriam, pois a fé em nada não se ensina; o futuro, amavam-no, mas como? Como Pigmalião e Galateia; era para eles como que uma amante de mármore, e esperavam que ela se animasse, que o sangue lhe colorisse as veias.

Restava-lhes então o presente, o espírito do século, anjo do crepúsculo, que não é a noite nem o dia; encontraram-no sentado num saco de cal cheio de ossadas, apertado no manto dos egoístas

e tremendo de um frio terrível. A angústia da morte entrou-lhes na alma com a visão desse espectro meio múmia meio feto; aproximaram-se dele como o viajante a quem se mostra, em Estrasburgo, a filha de um velho conde de Sarverden, embalsamada nos seus adereços de noiva. Esse esqueleto infantil faz estremecer, pois as suas mãos delicadas e lívidas carregam o anel dos desposados, e a sua cabeça desfaz-se em pó no meio das flores de laranjeira.

Como à aproximação de uma tempestade passa nas florestas um vento terrível que faz estremecer todas as árvores, ao que se sucede um profundo silêncio; assim Napoleão abalara tudo ao passar pelo mundo; os reis tinham sentido a sua coroa a vacilar, e, levando a mão à cabeça, nela apenas tinham encontrado os seus cabelos arrepiados de terror. O papa tinha feito trezentas léguas para o abençoar em nome de Deus e pôr-lhe o seu diadema; mas ele tirou-lho das mãos. Assim tudo tremera nessa floresta lúgubre dos poderes da velha Europa; depois, sucedera-se o silêncio.

Diz-se que, quando se encontra um cão furioso, se se tiver a coragem de caminhar gravemente, sem se virar, e de uma forma regular, o cão contenta-se em seguir-vos durante um certo tempo, rosnando entredentes; pelo contrário, se se deixa escapar um gesto de terror, se se dá um passo demasiado rápido, ele lança-se sobre vós e devora-vos; pois uma vez dada a primeira mordidela, já não há forma de lhe escapar.

Ora, na história europeia, aconteceu frequentemente que um soberano tivesse feito esse gesto de terror e que o seu povo o tivesse devorado; mas se um o fez, não quer dizer que o tenham feito todos ao mesmo tempo, ou seja, desapareceu um rei, mas não a majestade real. Diante de Napoleão, a majestade real tinha feito esse gesto que deitou tudo a perder, e não somente a majestade, mas a religião, a nobreza e toda a potência divina e humana.

Napoleão morto, as potências divinas e humanas estavam de facto correctamente restabelecidas; mas a crença nelas já não existia. Há um perigo terrível em saber o que é possível, pois o espírito vai sempre mais longe. É diferente dizer: «Isto poderia ser» ou dizer «Isto foi». Esta é a primeira mordidela do cão.

O déspota Napoleão foi o derradeiro clarão da lâmpada do despotismo; destruiu e parodiou os reis, como Voltaire os livros santos. E depois dele ouviu-se um grande ruído: era a pedra de Santa Helena que acabava de cair sobre o mundo antigo. Imediatamente, apareceu no céu o astro glacial da razão; e os seus raios, semelhantes aos da fria deusa das noites, vertendo a luz sem calor, envolveram o mundo num sudário lívido.

Até então, vira-se muita gente que odiava os nobres, que invejava contra os padres, que conspirava contra os reis; protestou-se muito contra os abusos e preconceitos; mas foi uma grande novidade ver o povo a sorrir. Se passava um nobre, ou um padre, ou um soberano, os camponeses que tinham estado na guerra começavam a abanar a cabeça e a dizer: «Ah, a este vimo-lo noutro sítio, noutra altura; tinha outra cara.» E quando se falava do trono e do altar, respondiam: «São quatro tábuas de madeira; pregámo-las e despregámo-las.» E quando lhes diziam: «Povo, tu repetiste os erros que te desencaminharam; tornaste a chamar os teus reis e os teus padres»; eles respondiam: «Não fomos nós; foram aqueles tagarelas ali.» E quando lhes diziam: «Povo, esquece o passado, labora e obedece», endireitavam-se nos seus assentos, e ouvia-se uma ressonância surda. Era um sabre enferrujado e esborcelado que se tinha mexido num canto da choupana. Então, acrescentava-se logo: «Mantém-te em descanso, pelo menos; se não te incomodam, não procures incomodar.» Ai! Contentavam-se com isto.

Mas a juventude não se contentava. É certo que há no homem duas potências ocultas que combatem até à morte; uma, clarividente e fria, agarra-se à realidade, calcula-a, pesa-a, e julga o passado; a outra tem sede de futuro e precipita-se para o desconhecido. Quando a paixão se apodera do homem, a razão segue-o chorando e advertindo-o do perigo; mas, assim que o homem se fixa na voz da razão, assim que diz para si próprio: «É verdade, estou louco; onde é que eu ia?»; a paixão grita-lhe: «É eu vou morrer, então?»

Um sentimento de mal-estar inexprimível começou então a fermentar em todos os jovens corações. Condenados ao repouso pelos soberanos do mundo, entregues a todo o género de pedantes,

à ociosidade e ao tédio, os jovens viam afastar-se de si as ondas espumosas contra as quais tinham preparado os braços. Todos esses gladiadores esfregados com óleo sentiam, no fundo da alma, uma miséria insuportável. Os mais ricos fizeram-se libertinos; os que tinham uma fortuna medíocre aprenderam uma profissão e resignaram-se ora ao hábito ora à espada; os mais pobres lançaram-se no entusiasmo frio, nas palavras enfáticas, no horroroso mar da acção sem objectivo. Como a fraqueza humana procura a associação e os homens são rebanhos por natureza, a política também se misturou. Ia-se lutar com os guarda-costas nos degraus da câmara legislativa, corria-se a uma peça de teatro onde Talma usava uma peruca que o fazia parecer-se com César, precipitava-se para o enterro de um deputado liberal. Mas dos membros dos dois partidos opostos não havia um que, regressando a casa, não sentisse amargamente o vazio da sua existência e a pobreza das suas mãos.

Ao mesmo tempo que a vida do exterior era tão pálida e mesquinha, a vida interior da sociedade ganhava um aspecto sombrio e silencioso; a hipocrisia mais severa reinava nos costumes; as ideias inglesas juntaram-se à devoção, a própria alegria desaparecera. Talvez fosse a Providência que já preparava novas vias; talvez fosse o anjo mensageiro das sociedades futuras que já semeava no coração das mulheres os germes da independência humana que qualquer dia elas iriam reclamar. Mas o certo é que, de uma só vez, coisa inaudita, em todos os salões de Paris, os homens foram por um lado e as mulheres pelo outro; e, assim, umas vestidas de branco como noivas, outros vestidos de preto como órfãos, começaram a medir-se com os olhos.

Que não haja enganar: essa vestimenta preta que usam os homens do nosso tempo é um símbolo terrível; para chegar aí, foi preciso que as armaduras caíssem peça a peça e os bordados flor a flor. Foi a razão humana que destruiu todas as ilusões; mas é ela própria que usa o luto, para que a consolem.

Os costumes dos estudantes e dos artistas, esses costumes tão livres, tão belos, tão cheios de juventude, ressentiram-se com a mudança universal. Os homens, separando-se das mulheres, sussurraram uma palavra que fere de morte: o desprezo; lançaram-se

ao vinho e às cortesãs. Os estudantes e os artistas também se lhes lançaram; o amor era tratado como a glória e a religião; era uma ilusão antiga. Ia-se então aos sítios errados; a *costureirinha galante*, essa classe tão sonhadora, tão romanesca, e de um amor tão terno e doce, viu-se abandonada aos balcões das butiques. Ela era pobre, e já não a amavam; queria ter vestidos e chapéus: vendeu-se. Oh, miséria! O jovem que a deveria ter amado, que ela própria teria amado, aquele que outrora a conduzia aos bosques de Verrières e de Romainville, às danças nos relvados, aos jantares à sombra das árvores, aquele que à noite vinha falar-lhe debaixo do candeeiro, ao fundo da butique, durante as longas vigílias de Inverno; aquele que partilhava com ela o seu pedaço de pão embebido com o suor da sua testa e o seu amor sublime e pobre, esse, esse mesmo homem, depois de a ter abandonado, reencontrou-a numa qualquer noite de orgia ao fundo do lupanar, pálida e plúmbea, perdida para sempre, com a fome nos lábios e a prostituição no coração.

Ora, por essa altura, dois poetas, os dois mais belos génios do século depois de Napoleão, acabavam de consagrar a sua vida a reunir todos os elementos de angústia e de dor espalhados pelo universo. Goethe, o patriarca de uma nova literatura, depois de ter pintado em Werther a paixão que conduz ao suicídio, traçara no seu Fausto a mais sombria figura humana que houvera alguma vez representado o mal e a desgraça. Os seus escritos começaram então a passar da Alemanha para a França.

Do fundo do seu gabinete de estudos, rodeado de quadros e de estátuas, rico, feliz e tranquilo, via como nos chegava a sua obra de trevas, com um sorriso paternal. Byron respondeu-lhe com um grito de dor que fez estremecer a Grécia e suspendeu Manfred por cima dos abismos, como se o nada tivesse sido a solução do enigma hediondo com que se envolvia.

Perdoem-me, ó grandes poetas, que são neste momento um pouco de cinza e que repousam debaixo da terra; perdoem-me! Vocês são semideuses, e eu sou apenas um jovem que sofre. Mas escrevendo tudo isto, não me posso impedir de vos amaldiçoar. Porque não cantavam o perfume das flores, as vozes da natureza, a esperança e o amor,

a vinha e o sol, o azul e a beleza? Provavelmente, conheciam a vida, e provavelmente tinham sofrido; e o mundo desmoronava-se à vossa volta, e vocês choravam sobre as suas ruínas e desesperavam; e as vossas amantes tinham-vos traído, e os vossos amigos caluniado, e os vossos compatriotas incompreendido; e vocês tinham o vazio no coração, a morte diante dos olhos, e eram colossos de dor. Mas diga-me, você, nobre Goethe, já não havia uma voz consoladora no murmúrio religioso das suas velhas florestas da Alemanha? Para si, para quem a bela poesia era irmã da ciência, não podiam as duas encontrar na natureza imortal uma planta salutar para o coração do seu favorito? Você que era um panteísta, um poeta antigo da Grécia, um amante das formas sagradas, não podia pôr um pouco de mel nesses belos vasos que sabia fazer, você que só tinha de sorrir e de deixar que as abelhas lhe viessem ter aos lábios? E você, você, Byron, não tinha, perto de Ravena, debaixo das suas laranjeiras da Itália, debaixo do seu belo céu veneziano, perto do seu caro Adriático, a sua bem-amada? Oh, Deus! Eu que lhe falo e que não passo de uma frágil criança, eu talvez tenha conhecido males que você não sofreu, e, no entanto, ainda creio na esperança e, no entanto, agradeço a Deus.

Quando as ideias inglesas e alemãs passaram assim sobre as nossas cabeças, foi como um desgosto sombrio e silencioso, seguido de uma convulsão terrível. Pois formular ideias gerais é como transformar o salitre em pólvora, e o cérebro homérico do grande Goethe tinha sugado, como um alambique, todo o licor do fruto proibido. Aqueles que então não o leram julgaram nada saber. Pobres criaturas! A explosão varreu-os como grãos de poeira para o abismo da dúvida universal.

Foi como uma negação de todas as coisas do céu e da terra, ao que se pode chamar desencantamento, ou, se se quiser, *desesperança*, como se a humanidade em letargia fosse considerada morta por aqueles que lhe tomavam o pulso. Assim como esse soldado a quem outrora se perguntou: «Em que acreditas?», e que respondeu: «Em mim»; a juventude de França, ouvindo essa pergunta, respondeu: «Em nada.»

Desde então formaram-se como que dois campos: de um lado, os espíritos exaltados, sofredores, todas as almas expansivas que precisam do infinito, baixaram a cabeça a chorar; envolveram-se de sonhos doentios, e não se viram senão frágeis caniços num oceano de amargura. Do outro lado, os homens de carne permaneceram de pé, no meio das alegrias positivas, e a sua única preocupação foi contar o dinheiro que tinham. Tratou-se apenas de um soluço e de uma gargalhada, um vindo da alma, outro do corpo.

Eis então o que dizia a alma:

«Ai, ai! A religião vai desaparecer; as nuvens do céu caem como chuva; já não temos esperança nem expectativas, nem dois bocados de madeira preta em cruz diante dos quais estender as mãos. O rio da vida arrasta grandes pedaços de gelo nos quais flutuam os ursos do pólo. O astro do futuro mal se levanta; continua envolvido em nuvens, e, como o Sol no Inverno, o seu disco surge com um vermelho de sangue que guardou de 1793. Já não há amor, já não há glória. Que noite densa sobre a terra! E estaremos mortos quando for dia.»

Eis então o que dizia o corpo:

«O homem está aqui em baixo para se servir dos seus sentidos; ele tem mais ou menos pedaços de um metal amarelo ou branco, com o qual tem direito a mais ou menos estima. Comer, beber e dormir, é isso que é viver. Quanto aos laços que existem entre os homens, a amizade consiste em emprestar dinheiro; mas é raro ter um amigo que se possa amar o suficiente para isso. O parentesco serve para as heranças: o amor é um exercício do corpo; o único prazer intelectual é a vaidade.»

Assim como na máquina pneumática uma bala de chumbo e uma penugem caem com a mesma rapidez no vazio, os mais firmes espíritos sofreram então a mesma sorte que os mais frágeis e caíram igualmente nas trevas. Para que serve a força quando lhe falta um ponto de apoio? Não há qualquer recurso contra o vazio. Não preciso de outra prova senão Goethe, que, quando nos fez tanto mal, sentira o sofrimento de Fausto antes de o espalhar, e sucumbira como tantos outros, ele, filho de Espinosa, que só precisava de tocar na terra para se restabelecer, como o fabuloso Anteu.

Mas, semelhante à peste asiática exalada pelos vapores do Ganges, a terrível *desesperança* caminhava a passos largos sobre a terra. Já Chateaubriand, príncipe da poesia, envolvendo o horrível ídolo com o seu manto de peregrino, o colocara num altar de mármore, no meio dos perfumes dos incensos sagrados. Desde então, cheios de uma força doravante inútil, os filhos do século esticaram as mãos ociosas e beberam na sua taça estéril a poção envenenada. Desde então, tudo se abismou, quando os chacais saíram da terra. Uma literatura cadavérica e infecta, que apenas tinha a forma, mas uma forma hedionda, começou a irrigar com um sangue fétido todos os monstros da natureza.

Quem alguma vez ousará contar o que se passou então nos colégios? Os homens duvidavam de tudo: os jovens negaram tudo. Os poetas cantavam o desespero: os jovens saíram das escolas com o rosto sereno, a cara fresca e vermelha e a blasfêmia na boca. Além do mais, sendo o carácter francês, que é por natureza alegre e aberto, sempre predominante, os cérebros encheram-se facilmente das ideias inglesas e alemãs, mas os corações, demasiado leves para lutar e sofrer, secaram como flores murchas. Assim, o princípio de morte desceu friamente e sem abalo da cabeça às entranhas. Em vez de termos o entusiasmo do mal, tivemos apenas a abnegação do bem; em vez do desespero, a insensibilidade. Crianças de quinze anos, preguiçosamente sentadas debaixo dos arbustos em flor, tinham como passatempo conversas que teriam feito estremecer de horror os pequenos bosques de Versalhes. A comunhão de Cristo, a hóstia, esse símbolo eterno do amor celeste, servia para selar cartas; as crianças cuspiam o pão de Deus.

Felizes aqueles que escaparam a esses tempos! Felizes aqueles que passaram pelos abismos olhando para o céu! Certamente que os houve, e esses lamentar-nos-ão.

Infelizmente é verdade que há na blasfêmia um grande desperdício de força que alivia o coração demasiado cheio. Quando um ateu, tirando o seu relógio, dava um quarto de hora a Deus para o fulminar, é certo que era um quarto de hora de cólera e de gozo atroz que obtinha. Era o paroxismo do desespero, um apelo sem nome a todas as

potências celestes; era uma pobre e miserável criatura contorcendo-se debaixo do pé que a esmaga; era um enorme grito de dor. E quem sabe? Aos olhos daquele que tudo vê, talvez seja uma prece.

Assim, os jovens encontravam um emprego para a força inactiva na affectação do desespero. Zombar a glória, a religião, o amor, tudo o que existe no mundo, é uma grande consolação para aqueles que não sabem o que fazer; através disso, troçam de si mesmos e dão-se razão ao mesmo tempo que se repreendem. E depois, é agradável crer-se infeliz, quando se está apenas vazio e entediado. A devassidão, além disso, primeira conclusão dos princípios de morte, é uma terrível mó de lagar quando se está debilitado.

De modo que os ricos diziam para si próprios: «Só a riqueza é verdadeira; tudo o resto é um sonho; gozemos e morramos.» Aqueles que possuíam uma fortuna medíocre diziam para si próprios: «Só o esquecimento é verdadeiro; tudo o resto é um sonho; esqueçamos e morramos.» E os pobres diziam: «Só a infelicidade é verdadeira; tudo o resto é um sonho; blasfememos e morramos.»

Será isto demasiado negro? Será exagerado? Que pensais disto? Serei um misantropo? Permitam-me uma reflexão.

Lendo a história da queda do Império Romano, é impossível não reparar no mal que os cristãos, tão admiráveis no deserto, fizeram ao Estado assim que tiveram o poder. «Quando penso», diz Montesquieu, «na ignorância profunda na qual o clero grego mergulhou os laicos, não posso impedir-me de o comparar a esses Citas de que fala Heródoto, que furavam os olhos aos seus escravos para que nada os distraísse e os impedisse de bater o leite. Nenhum assunto de Estado, nenhuma paz, nenhuma guerra, nenhuma trégua, nenhuma negociação, nenhum casamento se tratou sem ser pelo ministério dos monges. Não se acreditaria no mal que daí resultou».

Montesquieu poderia ter acrescentado: O cristianismo destruiu os imperadores, mas salvou os povos. Abriu os palácios de Constantinopla aos Bárbaros, mas as portas das choupanas aos anjos consoladores de Cristo. Eram realmente os grandes da terra; e eis que isso é mais interessante do que os derradeiros estertores de um império corrompido até à medula dos ossos, do que o sombrio galvanismo no meio do qual

ainda se agitava o esqueleto da tirania sobre o túmulo de Heliogábalo e de Caracala! Há lá mais bela coisa para conservar do que a múmia de Roma embalsamada com os perfumes de Nero, envolvida na mortalha de Tibério! Tratava-se, senhores políticos, de ir à procura dos pobres e dizer-lhes para ficarem em paz; tratava-se de deixar os vermes e as toupeiras carcomer os monumentos da vergonha, mas de tirar dos flancos das entranhas da múmia uma virgem tão bela quanto a mãe do Redentor, a esperança, amiga dos oprimidos.

Eis o que fez o cristianismo; e agora, depois de tantos anos, que fizeram aqueles que o destruíram? Eles viram que o pobre se deixava oprimir pelo rico, o fraco pelo forte, e, por esta razão, diziam para si próprios: «O rico e o forte vão oprimir-me na terra; mas quando eles quiserem entrar no Paraíso, eu estarei à porta e acusá-los-ei no tribunal de Deus.» Assim, ai, eles tinham paciência.

Os antagonistas de Cristo disseram, então, ao pobre: «Tu tens paciência até ao dia da justiça, mas não há justiça; tu esperas pela vida eterna para reclamar a tua vingança, mas não há vida eterna; tu acumulas num frasco as tuas lágrimas e as da tua família, os gritos dos teus filhos e os soluços da tua mulher para os levar junto de Deus na hora da tua morte; mas não há Deus.»

Então, é claro que o pobre secou as suas lágrimas, que disse à sua mulher para se calar, aos seus filhos para virem com ele, e que se reergueu na gleba com a força de um touro. Ele disse ao rico: «Tu, que me oprimes, não passas de um homem»; e ao padre: «Mentiste-me, tu que me consolaste.» Era precisamente isso que queriam os antagonistas de Cristo. Talvez creiam que assim fazem felizes os homens, enviando o pobre à conquista da liberdade.

Mas se o pobre, uma vez tendo realmente compreendido que os padres o enganam, que os ricos o roubam, que todos os homens têm os mesmos direitos, que todos os bens são deste mundo e que a miséria é ímpia; se o pobre, tendo-se a si e aos seus dois braços como única crença, diz para si próprio, um belo dia: «Guerra ao rico! Também me pertence o usufruto aqui em baixo, visto que não há outro lugar! Também me pertence a terra, visto que o céu está vazio! Pertencem-me a mim e aos outros, visto que todos são

iguais!» Ó argumentadores sublimes que o trouxeram até aí, que lhe dirão, se ele for vencido?

Certamente que vocês são filantropos, certamente que têm razão quanto ao futuro, e chegará o dia em que serão abençoados; mas ainda não; na verdade, ainda não podemos abençoar-vos. Quando outrora o opressor dizia: «A terra pertence-me!»; respondia o oprimido: «O céu pertence-me.» No presente, que responderá ele?

A doença do século presente vem inteiramente de duas causas; o povo que passou por 1793 e por 1824 traz duas feridas no coração. Tudo o que era já não é; tudo o que será ainda não é. Não procurem noutros sítios o segredo dos nossos males.

Eis um homem cuja casa se desmorona; ele demoliu-a para construir outra. Os escombros jazem no seu terreno, e ele aguarda por novas pedras para o seu edificio novo. No momento em que está pronto para talhar as suas pedras e fazer o seu cimento, de alvião na mão, de mangas arregaçadas, vêm dizer-lhe que faltam as pedras e aconselhá-lo a cair de novo as antigas para as aproveitar. Que querem que ele faça, ele que não quer ruínas para fazer um ninho para a sua ninhada? No entanto, a pedreira é funda, os instrumentos demasiado frágeis para dela tirar pedras. «Espere», dizem-lhe, «vamos tirá-las pouco a pouco; tenha esperança, trabalhe, avance, recue». Que é que não lhe dizem? E durante esse tempo, esse homem, já não tendo a sua velha casa e ainda não tendo a casa nova, não sabe como defender-se da chuva, nem como preparar a refeição da noite, nem onde trabalhar, nem onde descansar, nem onde viver, nem onde morrer; e os seus filhos são recém-nascidos.

Ou eu estranhamente me engano, ou parecemo-nos com este homem. Ó povos dos séculos futuros, quando, num quente dia de Verão, estiverem curvados sobre as vossas charruas nos verdes campos da pátria; quando virem, sob um sol puro e sem mácula, a terra, a vossa mãe fecunda, sorrir no seu vestido matinal ao trabalhador, o seu filho bem-amado; quando, enxugando nas vossas frentes tranquilas o santo baptismo do suor, passearem os vossos olhos sobre o vosso horizonte imenso, onde não haverá uma espiga mais alta do que a outra na seara humana, mas apenas centáureas

azuis e margaridas no meio do trigo amarelado; ó homens livres, quando então agradecerem a Deus por terem nascido para essa colheita, pensem em nós que já não estaremos aqui; digam para vocês próprios que pagámos bem caro pelo descanso de que gozam; lamentem-nos mais do que a todos os vossos pais; pois nós temos muitos dos males que vos tornam dignos de lamento e perdemos aquilo que vos consolava.

CAPÍTULO III

Tenho de contar em que ocasião fui pela primeira vez atingido pela doença do século.

Estava à mesa, numa grande ceia, depois de uma mascarada. À minha volta, os meus amigos, magnificamente fantasiados, e, por todo o lado, jovens e mulheres, completamente resplandecentes de beleza e alegria; à direita e à esquerda, manjares requintados, garrafas, lustres, flores; por cima da minha cabeça, uma orquestra barulhenta, e, à minha frente, a minha amante, criatura soberba que eu idolatrava.

Eu tinha então dezanove anos; não experimentara qualquer infelicidade ou doença; eu tinha um carácter ao mesmo tempo altivo e aberto, com todas as esperanças e um coração transbordante. Os vapores do vinho fermentavam nas minhas veias; era um desses momentos de embriaguez em que tudo o que se vê, tudo o que se ouve vos fala da bem-amada. A natureza inteira se assemelha então a uma pedra preciosa de mil facetas na qual está gravado o nome misterioso. De boa vontade daríamos um abraço a todos aqueles que vemos sorrir, e sentimo-nos irmãos de tudo o que existe. A minha amante marcara-me um encontro para a noite, e eu levava lentamente o meu copo aos lábios olhando para ela.

Quando me virei para pegar num prato, o meu garfo caiu. Baixei-me para o apanhar, e, não o encontrando logo, levantei a toalha para ver

para onde é que ele tinha rolado. Vi então, debaixo da mesa, o pé da minha amante pousado em cima do de um jovem sentado ao lado dela; as suas pernas estavam cruzadas e entrelaçadas, e, de vez em quando, apertavam-se.

Reergui-me perfeitamente calmo, pedi outro garfo e continuei a cear. Também a minha amante e o seu vizinho estavam, por sua vez, muito tranquilos, mal se falando e não se olhando. O jovem tinha os cotovelos na mesa e brincava com outra mulher que lhe mostrava o seu colar e as suas braceletes. A minha amante estava imóvel, de olhos fixos e inundados de langor. Observei-os a ambos enquanto durou a refeição, e não vi nem nos seus gestos nem nos seus rostos nada que os pudesse trair. Por fim, quando fomos para a sobremesa, fiz deslizar o meu guardanapo para o chão, e, tendo-me baixado de novo, reencontrei-os na mesma posição, estreitamente ligados um ao outro.

Eu prometera à minha amante levá-la a sua casa nessa noite. Ela era viúva e, conseqüentemente, muitíssimo livre, com a ajuda de um velho parente que a acompanhava e lhe servia de pau-de-cabeleira. Quando atravessei o peristilo, ela chamou-me. «Vamos, Octave, vamos embora, estou pronta.» Comecei a rir e saí sem responder. Ao fim de alguns passos, sentei-me num marco. Não sei no que pensava; estava como que embrutecido e idiota graças à infidelidade dessa mulher com a qual eu nunca fora ciumento e sobre a qual eu nunca concebera uma única suspeita. Não me deixando, aquilo que eu acabava de ver, qualquer dúvida, mantinha-me como que atordado por uma bordoadada e não me lembro de nada do que se operou em mim durante o tempo em que fiquei em cima desse marco, a não ser que, olhando maquinalmente para o céu e vendo uma estrela cadente, saudei essa aparência fugitiva, na qual os poetas vêem um mundo destruído, e tirei-lhe gravemente o meu chapéu.

Regressei a casa tranquilamente, não sentindo nada, sem sofrimento e como que privado de qualquer reflexão. Comecei a despir-me e pus-me na cama; mas, mal pousei a cabeça no travesseiro, os espíritos da vingança apoderaram-se de mim com uma tal força que me soergui de repente contra a parede, como se todos os músculos do

meu corpo se tivessem tornado de madeira. Saí da cama aos gritos, de braços estendidos, apenas conseguindo andar sobre os calcanhares, de tal modo os nervos dos meus dedos dos pés estavam contraídos. Passei quase uma hora assim, completamente louco e hirto como um esqueleto. Foi o primeiro acesso de cólera que experimentei.

O homem que eu surpreendera ao lado da minha amante era um dos meus amigos mais íntimos. Fui a casa dele no dia seguinte, acompanhado de um jovem advogado chamado Desgenais; pegámos em pistolas, noutra testemunha e fomos ao bosque de Vincennes. Durante o caminho todo, evitei falar com o meu adversário e até de me aproximar dele; resisti assim ao desejo que tinha de lhe bater e de o insultar, sendo esses géneros de violência sempre hediondos e inúteis, na medida em que a lei permite o combate de acordo com as regras. Mas não pude proibir-me de fixar os meus olhos nele. Era um dos meus camaradas de infância, e havia entre nós uma troca perpétua de serviços desde há muitos anos. Ele conhecia perfeitamente o meu amor pela minha amante e tinha-me mesmo, várias vezes, feito ouvir claramente que esses géneros de laços eram sagrados para um amigo, e que ele seria incapaz de tentar suplantá-lo, mesmo que amasse a mesma mulher que eu. Enfim, eu tinha toda a confiança nele, e provavelmente nunca apertara a mão de uma criatura mais cordialmente do que a sua.

Eu olhava curiosamente, avidamente, para esse homem que eu ouvira falar da amizade como um herói da Antiguidade e que eu acabava de ver a acariciar a minha amante. Era a primeira vez na minha vida que via um monstro; media-o com um olhar feroz para observar como era feito. A ele, que eu conhecera com dez anos, parecia-me que nunca o tinha visto. Servir-me-ei aqui de uma comparação.

Há uma peça espanhola, conhecida de toda a gente, na qual uma estátua de pedra vai cear a casa de um devasso, enviada pela justiça celeste. O devasso mostra presença de espírito e esforça-se por parecer indiferente; mas a estátua pede-lhe a mão, e, assim que ele lha dá, o homem sente-se tomado por um frio mortal e cai em convulsões.

Ora, todas as vezes que, durante a minha vida, me aconteceu ter acreditado durante muito tempo, confiantemente, seja num amigo,

seja numa amante, e ter descoberto de repente que estava enganado, só consigo traduzir o efeito que essa descoberta produziu em mim comparando-a ao aperto de mão da estátua. É verdadeiramente a impressão do mármore, como se a realidade, em toda a sua frieza mortal, me congelasse com um beijo; é o toque do homem de pedra. Ai, o terrível convidado bateu mais do que uma vez à minha porta; mais do que uma vez, ceámos juntos.

Neste meio-tempo, feitas as disposições, pusemo-nos em linha, eu e o meu adversário, avançando lentamente um para o outro. Ele atirou primeiro e estracinhou-me o braço direito. Peguei imediatamente na minha pistola com a outra mão; mas não consegui levantá-la, faltando-me a força, e caí sobre um joelho.

Então, vi o meu inimigo a aproximar-se precipitadamente, com um ar inquieto e o rosto muito pálido. As minhas testemunhas acorreram ao mesmo tempo, vendo que eu estava ferido; mas ele afastou-as e agarrou na mão do meu braço doente. Ele tinha os dentes cerrados e não conseguia falar: vi-lhe a angústia. Ele sofria do mal mais terrível que o homem pode experimentar. «Vai-te embora», gritei-lhe, «vai-te limpar nos lençóis de ***!» Ele sufocava e eu também.

Puseram-me num fiacre, onde encontrei um médico. A ferida não se revelou perigosa, não tendo a bala atingido os ossos; mas eu estava num tal estado de excitação que foi impossível porem-me imediatamente um penso. No momento em que o fiacre partiu, vi uma mão trémula na portinhola; era o meu adversário que voltava outra vez. Abanei a cabeça como única resposta; eu estava com uma tal raiva que teria sido em vão qualquer esforço para o perdoar, ainda que realmente sentisse que o seu arrependimento era sincero.

Quando cheguei a casa, o sangue que escorria abundantemente do meu braço aliviou-me muito, pois a ferida libertou-me da minha cólera, que me fazia pior do que a ferida. Deitei-me com um grande leite, e creio que nunca bebi nada mais agradável do que o primeiro copo de água que me deram.

Assim que fui para a cama, a febre assaltou-me. Foi então que, tendo o fantasma da minha bela e adorada amante vindo debruçar-se sobre mim, comecei a verter lágrimas. O que eu não podia conceber

não era que ela tivesse deixado de me amar, mas que me tivesse enganado. Não compreendia por que razão uma mulher que não é forçada nem pelo dever nem pelo interesse é capaz de mentir a um homem enquanto ama outro. Perguntava vinte vezes por dia a Desgenais como é que isso era possível. «Se eu fosse o marido dela», dizia eu, «ou se eu pagasse por ela, conseguiria conceber que ela me enganasse; mas se ela já não me amava, porque não mo dizia? Porquê enganar-me?» Eu não concebia que se pudesse mentir no amor; nessa altura, era uma criança, e admito que presentemente ainda não o compreendo. Todas as vezes que fiquei apaixonado por uma mulher, disse-lho, e todas as vezes que deixei de amar uma mulher, disse-lho do mesmo modo, com a mesma sinceridade, tendo pensado sempre que, nesse género de coisas, nada podemos contra a nossa vontade e que apenas há crime na mentira.

Desgenais, a tudo isto que eu lhe dizia, respondia-me:

— É uma miserável; prometa-me que a não voltará a ver.

Jurei-lho solenemente. Além disso, aconselhou-me a não lhe escrever, nem mesmo para a censurar, e, se ela me escrevesse, a não lhe responder. Prometi-lhe tudo isto, quase admirado por ele mo pedir e indignado de que pudesse supor o contrário.

No entanto, a primeira coisa que fiz, assim que pude levantar-me e sair do quarto, foi correr a casa da minha amante. Encontrei-a sozinha, sentada numa cadeira, num canto do seu quarto, com o rosto abatido e na maior perturbação. Cumulei-a com as minhas violentas censuras; estava ébrio de desespero. Gritava de forma a ressoar pela casa inteira, e ao mesmo tempo, às vezes, as lágrimas cortavam-me a palavra tão violentamente que eu caía sobre a cama para as deixar escorrer.

— Ah, infiel! Ah, desgraçada! — dizia-lhe eu a chorar. — Eu sabia que ia morrer por causa disto; dá-lhe prazer? Que lhe fiz eu?

Ela lançou-se ao meu pescoço, disse-me que fora seduzida, arrastada; que o meu rival a inebriara naquela ceia fatal, mas que nunca fora dele; que se abandonara num momento de esquecimento, que cometera um erro, mas não um crime; enfim, que via bem todo o mal que me fizera, mas que se eu não voltasse para ela, também ela morreria.

Tudo o que o arrependimento tem de lágrimas, tudo o que a dor tem de eloquência, ela o esgotou para me consolar; pálida e alucinada, com o seu vestido entreaberto, os seus cabelos desgrenhados sobre os ombros, de joelhos no meio do quarto, nunca a vira tão bela, e eu estremecia de horror enquanto todos os meus sentidos se excitavam com este espectáculo.

Saí despedaçado, já não vendo nada e mal conseguindo sustentar-me. Nunca mais a queria voltar a ver; mas, ao fim de um quarto de hora, regresssei. Não sei que força desesperada me empurrava para lá; tinha como que um surdo desejo de a possuir mais uma vez, de beber no seu corpo magnífico todas as lágrimas amargas e de nos matar a ambos a seguir. Enfim, abominava-a e idolatrava-a; sentia que o seu amor era a minha ruína, mas que viver sem ela era impossível. Subi a casa dela como um relâmpago; não falei com nenhum criado, fui ter directamente com ela, conhecendo a casa, e empurrei a porta do seu quarto.

Encontrei-a sentada à frente do toucador, imóvel e coberta de pedras preciosas. A sua criada de quarto penteava-a; ela tinha na mão um pedaço de crepe vermelho que passava levemente nas faces. Julguei sonhar; parecia-me impossível que aquela fosse a mulher que eu acabava de ver, há um quarto de hora, mergulhada em dor e estendida no chão. Fiquei como uma estátua. Ela, ouvindo a porta abrir-se, virou a cabeça a sorrir.

— É você? — disse ela.

Ia ao baile e esperava o meu rival, que a devia levar. Reconheceu-me, cerrou os lábios e franziu as sobrancelhas.

Dei um passo para sair; olhava para a sua nuca, lisa e perfumada, onde os seus cabelos davam um nó e sobre a qual resplandecia um pente com diamantes. Essa nuca, centro da força vital, era mais negra do que o Inferno; duas tranças reluzentes estavam aí torcidas, e leves espigas de prata balançavam-se por cima. Os seus ombros e o pescoço, mais brancos do que o leite, faziam sobressair a penugem forte e abundante. Havia nessa cabeleira trançada não sei o quê de impudicamente belo que parecia mangar da desordem em que eu a vira um instante atrás. Avancei de repente e bati nessa nuca com

as costas do meu punho fechado. A minha amante não soltou sequer um grito; deixou cair as mãos. Depois, saí precipitadamente.

Regressado a casa, a febre assaltou-me com uma tal violência que fui obrigado a pôr-me de novo na cama. A minha ferida tinha-se reaberto, e eu sofria muito. Desgenais veio visitar-me; contei-lhe tudo o que se passara. Ele ouviu-me num grande silêncio, depois andou algum tempo pelo quarto como um homem irresoluto. Finalmente, deteve-se à minha frente e, depois, saiu com uma gargalhada:

– É a sua primeira amante? – perguntou-me.

– Não! – disse-lhe eu. – É a última.

Lá para o meio da noite, quando eu dormia um sono agitado, pareceu-me, num sonho, ouvir um suspiro profundo. Abri os olhos e vi a minha amante de pé junto à minha cama, de braços cruzados, semelhante a um espectro. Não pude reter um grito de pavor, crendo numa aparição saída do meu cérebro doente. Lancei-me para fora da cama e fugi para a outra ponta do quarto; mas ela veio ter comigo.

– Sou eu – disse ela, e, agarrando-me pela cintura, arrastou-me.

– Que quer? – gritei. – Deixe-me! Estou capaz de a matar agora mesmo.

– Então, vá, mate-me! – disse ela. – Traí-o, menti-lhe, sou infame e miserável; mas amo-o e não posso prescindir de si.

Olhei para ela; como era bonita! Todo o seu corpo tremia; o seu olhar, perdido de amor, derramava torrentes de volúpia; a sua garganta estava nua, os seus lábios ardiam. Ergui-a nos meus braços.

– Seja – disse-lhe eu. – Mas, diante de Deus, que nos vê, pela alma do meu pai, juro-lhe que a seguir a mato e a mim também.

Peguei numa faca de mesa que estava em cima da lareira e pousei-a na almofada.

– Vamos, Octave – disse-me ela, sorrindo e beijando-me –, não faça nenhuma loucura. Venha cá, meu menino; todas essas atrocidades fazem-lhe mal; está com febre. Dê-me a faca.

Vi que ela queria agarrá-la.

– Escute – disse-lhe então –; não sei quem é e que comédia representa, mas, quanto a mim, não a represento. Amei-a tanto quanto um homem pode amar sobre a terra, e, para minha desgraça e morte,

saiba que ainda a amo perdidamente. Vem dizer-me que também me ama, tudo bem; mas, por tudo o que há de mais sagrado no mundo, se eu for seu amante esta noite, nenhum outro o será amanhã. Diante de Deus, diante de Deus — repetia eu —, não volto a tê-la como amante, pois odeio-a tanto quanto a amo. Diante de Deus, se me quiser, amanhã de manhã mato-a.

Ao falar assim, caí num completo delírio. Ela lançou o seu manto sobre os ombros e saiu a correr.

Quando Desgenais soube desta história, disse-me:

— Porque não a aceitou? Você está mesmo aborrecido. É uma mulher bastante bonita.

— Está a brincar? — disse-lhe eu. — Acredita que semelhante mulher possa ser minha amante? Acredita que alguma vez eu iria consentir em partilhá-la com outro? Acha que ela própria me iria confessar que outro a possuía e que eu iria esquecer que a amo, para também eu a possuir? Se foi a esse ponto que chegaram os seus amores, tenho pena de si.

Desgenais respondeu-me que apenas amava as meninas pelas quais pagava e que não lhes dava grande atenção.

— Meu caro Octave — acrescentou —, você é muito jovem; gostaria de ter muitas coisas, e coisas belas, mas que não existem. Crê numa espécie de amor singular; talvez seja capaz dele; creio que sim, mas não o desejo para si. Terá outras amantes, meu amigo, e arrepender-se-á um dia do ponto a que chegou esta noite. Quando essa mulher veio encontrar-se consigo, é certo que o amava; talvez não o ame agora, talvez esteja nos braços de outro; mas amou-o esta noite, neste quarto; e que lhe importa o resto? Tinha aqui uma bela noite; e vai arrepender-se de a não ter aproveitado, esteja certo, pois ela não vai voltar. Uma mulher perdooa tudo, excepto não ser desejada. O amor dela por si tinha de ser extraordinário, para que viesse encontrar-se consigo, sabendo-se e confessando-se culpada, talvez prevendo que seria recusada. Creia em mim, vai arrepender-se desta noite, pois sou eu que lhe digo que não terá outra.

Havia em tudo o que dizia Desgenais um ar de convicção tão simples e profundo, uma tão desesperante tranquilidade da experiência

que eu estremecia ao ouvi-lo. Enquanto ele falava, senti uma tentação violenta de ir novamente a casa da minha amante, ou de lhe escrever para a fazer vir. Estava incapaz de me levantar; isso salvou-me da vergonha de me expor de novo encontrando-a à espera do meu rival ou fechada com ele. Mas teria sempre oportunidade de lhe escrever; perguntava-me, contra a minha vontade, se ela haveria de vir, no caso de eu lhe escrever.

Quando Desgenais saiu, senti uma agitação tão horrível que resolvi pôr um termo nela, fosse de que maneira fosse. Depois de uma luta terrível, finalmente, o horror superou o amor. Escrevi à minha amante que não a tornaria a ver e pedi-lhe para não voltar a minha casa, se não queria ser barrada à minha porta. Fiz soar violentamente a campainha e ordenei que levassem a minha carta o mais depressa possível. Mal o meu criado fechou a porta, voltei a chamá-lo. Não me ouviu; não ousei chamá-lo uma segunda vez; e, levando as duas mãos ao rosto, permaneci mergulhado no mais profundo desespero.




«Tendo sido atingido, na primeira flor da juventude, por uma doença moral abominável, narro o que me aconteceu durante três anos. Se eu fosse o único doente, não diria nada; mas como há muitos outros além de mim que sofrem do mesmo mal, escrevo para esses, sem saber se vão prestar atenção (...)»

Ao descobrir que é traído pela amante e motivo de chacota na sociedade parisiense, o jovem burguês Octave deixa-se engolir por uma espiral de revolta, tédio e melancolia. Com a notícia da morte do pai, decide abandonar a sua vida libertina em Paris e rumar ao campo, onde se deixa seduzir por uma existência ascética e conhece Brigitte Pierson, uma viúva sensível e devota, por quem se apaixona. Contudo, esse segundo amor torna-se também fonte de ciúme e loucura, alimentando a curiosidade do mal e aprofundando o enorme abismo criado entre o jovem e o mundo...

Romance a meio caminho entre a ficção e a autobiografia, que teve por inspiração a tempestuosa relação do autor com George Sand, *A Confissão de um Filho do Século* é um texto fundamental do romantismo e uma das mais célebres ilustrações da sua «doença do século», mal-estar que se instala em toda uma geração desamparada. Uma obra de referência da literatura mundial, pela primeira vez disponível para o leitor português.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

 penguinlivros.pt
  penguinlivros

ISBN 9789895644117



9 789895 644117 >